



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8049 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 04 - Didática

### AVALIAÇÃO NO ENSINO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Juliana Lara de Oliveira - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Gladys Agmar Sá Rocha - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

### AVALIAÇÃO NO ENSINO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

O presente trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado, ainda em andamento, que objetiva estudar a avaliação de disciplinas práticas voltadas para Atenção Primária a Saúde (APS) de um curso de Medicina. Este tema se configurou a partir da necessidade de compreender melhor as formas e as funções da avaliação como elemento essencial nos processos de ensino e de aprendizagem (JOUQUAN, 2002).

Como médica, minha vivência na docência se inicia com o trabalho como preceptora (“o professor que ensina a um pequeno grupo de alunos ou residentes, com ênfase na prática clínica e no desenvolvimento de habilidades para tal prática”, de acordo com Ryan-Nicholls, *apud* Botti; Rego, 2008). Minha vivência trouxe a percepção da falta de preparo, do ponto de vista didático-pedagógico, por parte dos médicos que se tornam professores (COSTA *et al*, 2018), “o que contribui para um processo de ensino deficiente, no qual o aluno assume a posição de observador e depois tenta (re)produzir a forma como o professor abordou o paciente” (COSTA *et al*, 2018,p.85).

Apesar de a formação abrir diversas possibilidades para o graduado em Medicina, o primeiro passo na profissão é o da assistência. E voltar a carreira para o ensino exige a construção de uma nova identidade, a de professor, o que demanda tempo de atuação (CASTRO, 2010).

Considerando esses aspectos, neste recorte do trabalho, o principal objetivo é demonstrar como os médicos que se tornam preceptores numa disciplina da APS de um curso de Medicina de uma instituição de ensino superior (IES) particular de Belo Horizonte compreendem a avaliação.

A pesquisa, de caráter qualitativo, enquadra-se como pesquisa-ação e focaliza a realização de entrevistas com os preceptores. O propósito é apreender como estes sujeitos compreendem a avaliação, suas práticas e discutir essas percepções à luz da literatura referênciada.

Foram entrevistados 7 preceptores, com idades variando entre 30 e 59 anos de idade e tempo médio de experiência na preceptoria de 4 anos. Este tempo de atuação na docência é relevante pois, dirigindo a análise para a profissão de médico dos entrevistados, este passo pode representar uma desestabilização da carreira planejada ou pretendida na escolha da

graduação (HUBERMAN, 2014).

Como os entrevistados já acumulam alguma experiência na preceptoria, eles foram questionados quanto ao que acreditam ser mais importante avaliar nessa atividade de campo na APS, cujo foco é a anamnese. Todos discorreram sobre a diferença do que deve ser avaliado a cada período, no entanto, houve dificuldade em apontar o que deveria ser avaliado em cada um dos 5 períodos em que a disciplina é ofertada com supervisão prática por médicos.

A relação médico-paciente, que é consequência direta da anamnese (BIRD, 1978), também foi um aspecto bastante citado nestas respostas. Apareceu ainda de forma recorrente entre os entrevistados o interesse como critério de avaliação valorizado (também chamado de participação e iniciativa). E, apesar de o conhecimento acadêmico ser relevante para os preceptores, eles identificam a necessidade de reconhecimento das habilidades não cognitivas. Esta indicação é de extrema importância uma vez que estas habilidades são capazes de interferir e potencializar os talentos cognitivos do estudante, enquanto o contrário não é verdadeiro (GUSKEY; BROOKHART, 2019).

Surgiram outras questões relevantes, entre elas a necessidade de diversificar as formas de avaliar o aluno, uma vez que diferentes instrumentos trazem diferentes formas de demonstração do aprendizado, e nenhum instrumento é bom ou ruim em si (JOUQUAN, 2002).

Uma importante assimetria com a literatura apareceu quando quase todos os preceptores alegaram que, devido às dificuldades que surgem no dia a dia, não avaliam os alunos a cada visita ao centro de saúde (semanal). Ao que parece, não há o entendimento de que a avaliação está (ou deveria estar) acontecendo em cada momento de interação, e a comunicação desta avaliação também (BARLOW, 2006).

A autoavaliação foi outro tema recorrente, mas abordada de forma superficial, com base no entendimento de que uma parte da “nota” dever ser auto atribuída, o que destitui dessa dimensão avaliativa, seu caráter mais orgânico (BARLOW, 2006). O autor considera que conhecendo as expectativas e os critérios de avaliação utilizados pelo mestre, o aluno é capaz de avaliar o próprio desempenho e adaptá-lo *antes* de apresentá-lo ao avaliador, a fim de adequá-lo às expectativas. Neste contexto Barlow (2006) abre as portas para uma discussão essencial da explicitação, a todos os envolvidos, dos critérios de avaliação, que devem ser claros, principalmente se tratando de alunos mais velhos, como no nível superior (BROOKHART *et al*, 2016). No entanto, dos 7 entrevistados, apenas 2 disseram ter uma ideia do que se trata uma matriz de referência para a avaliação, mesmo explicada como uma lista bem desenvolvida de verificação (BONAMINO) que permite examinar quais habilidades estão efetivamente desenvolvidas no acadêmico — ou no grupo.

No fim da entrevista, foi solicitado a cada um dos participantes que enumerasse 3 expressões a que a palavra avaliação os remetesse. Nas listas encontramos poucas coincidências, mas observamos que a maioria deles pensa em “o que avaliar”: se preocupam em avaliar a competência, o compromisso, a capacidade de resolutividade, o comprometimento, a postura, a ética dos alunos entre outros pontos. Apesar disso, 6 dos 7 entrevistados citaram o *feedback* como essencial para a autoavaliação, conforme evidenciado por Barlow (2006) e dependente da existência de critérios pré-estabelecidos para avaliação, ainda que não formalizados.

Concluimos, desta forma, que, apesar de alguns enganos e erros conceituais que possam aparecer, entre estes médicos-professores sem uma formação específica para a docência, —eles buscam contribuir de forma efetiva para o aprendizado dos alunos, demonstrando conhecimento tácito sobre avaliação, provavelmente relacionado à sua própria

vivência como estudante.

Palavras-chave: Avaliação; Ensino na atenção primária à saúde; Preceptor.

## REFERÊNCIAS

- BARLOW, M. *Avaliação escolar: mitos e realidades*. Tradução: MURAD, F. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BIRD, B. *Conversando com o paciente*. Tradução de Urias Côrrea Arantes. São Paulo, SP: Editora Manole, 1978. (original em inglês publicado em 1955).
- BOTTI, S. H. O., REGO, S. Preceptor, supervisor, tutor e mentor: quais são seus papéis? *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, vol. 32.3, p. 363-373, set/2008.
- BONAMINO, A. Matriz de referência. In: *Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Documento eletrônico disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/matriz-de-referencia> acesso em 16 de agosto de 2019.
- BROOKHART, S.M. *et al.* A century of grading research: meaning and value in the most common educational measure. *Review of Educational Research*. Vol. 86, No. 4, pp. 803–848. Dec. 2016.
- CASTRO, M. Ciclos profissionais. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://www.gestrado.net.br/pdf/86.pdf>. Acesso em 27 de mar. de 2020.
- COSTA, G.P.O. *et al.* Enfrentamentos do estudante na iniciação da semiologia médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Rio de Janeiro. Vol.42 nº2, p. 79-88, 2018.
- GUSKEY, T.R.; BROOKHART, S.M. (orgs). *What we know about grading: what works, what doesn't, and what's next*. Alexandria, VA. ASCD, 2019.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In. NÓVOA, A. et al. *Vidas de professores*. 2ª edição. Cidade do Porto: Porto Editora, 2014. Cap. 2, p. 31-62. (Original publicado em 1989)
- JOUQUAN, J. L'évaluation des apprentissages des étudiants em formation médicale initiale. *Pédagogie Médicale - Revue Internationale Francophone d'Éducation Médicale*. Vol. 3, p. 38-52, fev/2002.